

# ARTE E TRABALHO

## Um Lindo Dia de Outono

Nivaldo Dóro Júnior<sup>1</sup>



O dia estava lindo. Céu claro, temperatura agradável, uma bela segunda-feira de outono. Virgílio se levantou, tomou seu costumeiro banho matinal, vestiu sua calça cinza, camisa branca listrada, cinto e sapatos pretos. Desceu até a copa. Deu um beijo nos dois filhos, na esposa, tomou seu café preto, acompanhado de uma fatia de queijo branco, pão integral e um copo de suco de melão. Apanhou as chaves do carro, sua pasta executiva e seu celular. Ainda não eram nem oito horas e Virgílio, como sempre, já estava a caminho do trabalho. Virgílio se levantou, tomou seu costumeiro banho matinal, vestiu sua calça cinza, camisa branca listrada, cinto e sapatos pretos. Desceu até a copa. Deu um beijo nos dois filhos, na esposa, tomou seu café preto, acompanhado de uma fatia de queijo branco, pão integral e um copo de suco de melão. Apanhou as chaves do carro, sua pasta executiva e seu celular.

Ainda não eram nem oito horas e Virgílio, como sempre, já estava a caminho do trabalho.

1. Mestre em Direito do Trabalho pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Professor universitário.

A rotina não chegava a ser monótona, mesmo após 23 anos de serviço à mesma empresa. O cargo de diretor não lhe pesava; era apenas resultado de uma carreira de esforço e dedicação, desempenhada com responsabilidade e comprometimento, muitas vezes com sacrifícios pessoais e privações familiares. Virgílio era a cara da empresa, dentro e fora dela.

A agenda estava tranquila naquela manhã. Nenhum compromisso importante estava marcado. Mas um lindo dia de outono sempre guarda alguma surpresa.

Ao chegar à sua sala, Virgílio foi recebido pelos filhos dos sócios fundadores da empresa, acompanhados de um executivo que, embora desconhecido, estava muito à vontade em seu terno preto, cabelos grisalhos, sorriso largo, acomodado sobre a poltrona de centro. Não era propriamente uma visita inesperada, mas também não era algo corriqueiro, sobretudo naquelas circunstâncias.



Virgílio sentou-se com o trio, compartilhando o jogo de sofá e poltronas, ao lado da janela ensolarada. Recebeu da copeira um copo de água e uma xícara de café amargo, como sempre pedia. Silenciou o celular. Tomou um gole do café. Verificou a hora no relógio.

A partir daí, deu-se início a um diálogo de uma só voz. O filho mais velho discursava palavras que pareciam muito bem ensaiadas, sob os aplausos silenciosos dos outros dois companheiros, que acenavam afirmativamente com movimentos repetitivos de cabeça e leves sorrisos nos rostos.

Naquele balé de palavras, logo surgiram expressões como “reestruturação empresarial”, “modernização dos processos produtivos”, “aumento de competitividade”, “racionalização de custos”... Aos poucos, essas expressões foram sendo substituídas por “gradidão por sua inestimável colaboração”, “direitos trabalhistas”, “verbas rescisórias”.

Àquela altura, Virgílio já entendera o ocorrido. A empresa havia sido vendida a uma multinacional e, com a venda, seu cargo fora extinto. Após 23 anos, Virgílio estava demitido.

Os três visitantes levantaram-se e despediram-se cordialmente de Virgílio, sempre com sorrisos leves e semblantes serenos.

Virgílio acomodou-se à sua mesa. Ligou seu computador, checkou o celular, abriu algumas gavetas. Não procurava nada. Os movimentos corporais quase inconscientes apenas disfarçavam seus pensamentos, que trafegavam entre números, rostos, imagens e sensações.

Pensou na mulher, publicitária por formação, mas afastada, por opção, do mercado de trabalho há mais de oito anos. Pensou nos dois filhos, recém-aprovados para cursarem universidades particulares. Lembrou-se do financiamento da casa, das despesas correntes com duas empregadas, dois carros, um cachorro. O carro que usava era da empresa. O aparelho de celular também, assim como o plano de saúde familiar.

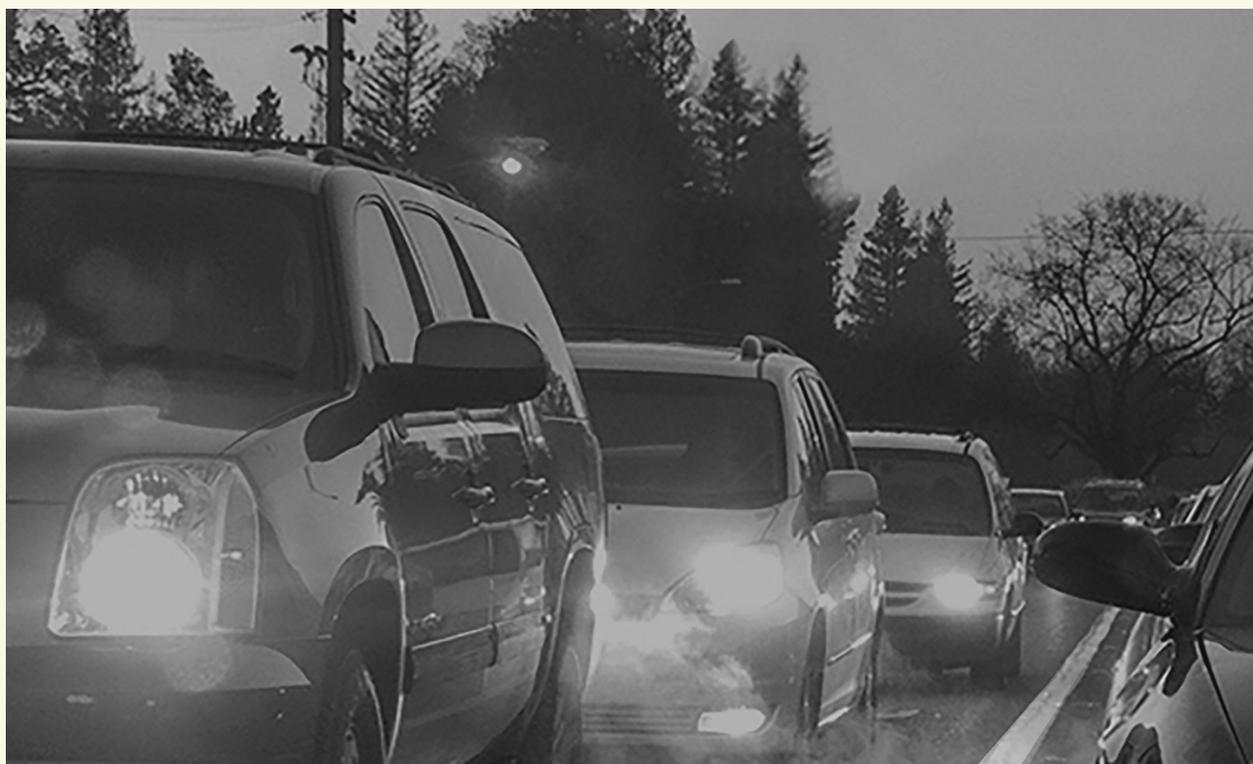
Fez mentalmente algumas contas. Respirou fundo. Viu que ainda havia café na xícara. Suspirou. Olhou, desolado, pela janela. Levantou-se. Apanhou as chaves do carro e sua pasta executiva. Olhou mais uma vez para sua sala. Sentiu-se um estranho naquele ambiente tão familiar. Sentiu o peso do fim. Foi embora.



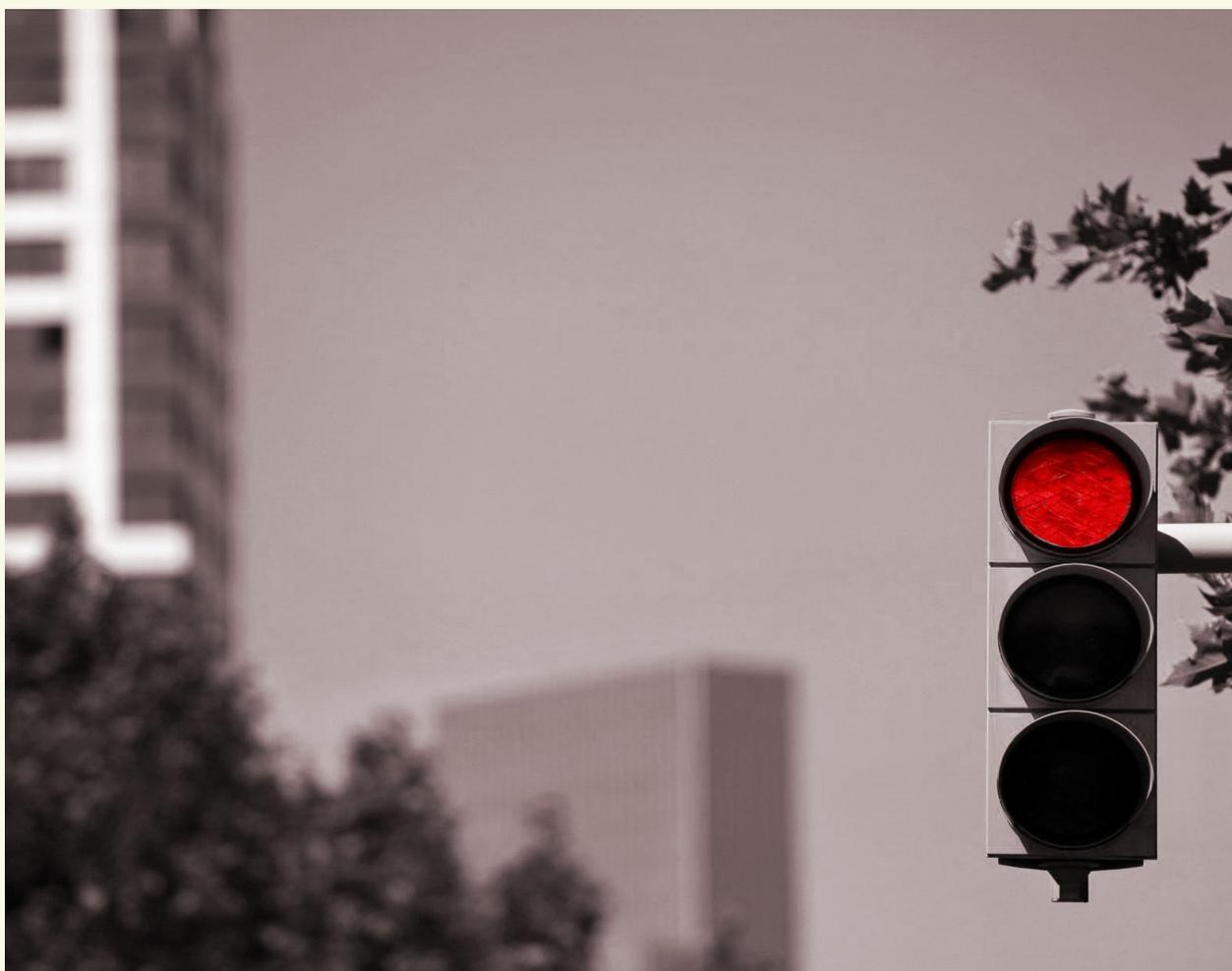
Dentro do carro e a caminho de casa, verbalizava palavras na tentativa de encontrar a melhor maneira de anunciar à esposa e aos filhos a novidade. Parou no semáforo fechado. Viu que, em sua direção, caminhava entre os carros um senhor franzino, vestindo roupas velhas, sandália gasta, barba comprida, pele martelada pelo tempo. As mãos semilevantadas em formato de concha indicavam o pedido de ajuda. Pendurado ao redor do pescoço, havia um cartaz feito de restos de uma suposta caixa de papelão, escrito em português informal com letras simples e amarrado com um pedaço de arame. A leitura rápida do texto revelava um resumo da vida atual do andarilho e seu propósito naquele árduo caminho de asfalto:

*O PELAMOR DE DEUS, PESSO AJUDA.  
ESTOU **DESEMPREGADO** E  
MINHA ESPOZA ESTÁ DOENTE.  
QUALQUER QUANTIA AJUDA.  
COM A GRASSA DE DEUS AMÉM.*

Virgílio sentiu a respiração pesada.



Cada passo lento daquele senhor entre os carros denunciava a existência de correntes invisíveis presas a seu tornozelo, como se um fantasma se aproximasse divulgando a má notícia há pouco recebida na empresa.



O semáforo permanecia fechado. Os segundos eternizavam o momento, congelado entre uma e outra respiração. Virgílio sentiu pressão sobre o peito. Abriu a janela do carro, na tentativa de obter mais ar. Não adiantou. Desabotoou a camisa. A dor aumentou. Dor aguda. Agarrou-se ao banco do carro. Pensou na mulher, nos filhos... Cerrou os olhos com força. Faltava-lhe o ar. Sentiu o peso do fim. Abriu os olhos pela última vez. Pela janela, viu parado a seu lado aquele velho andarilho com seu cartaz trepidante. No embaralhado das letras mal escritas, saltou-lhe a palavra “desempregado”. Fechou os olhos e ouviu um estrondoso silêncio.

Virgílio jamais esperava encerrar sua carreira daquele modo, num lindo dia de outono. Só não se deu conta, ao longo dos muitos anos de trabalho, que um lindo dia de outono sempre guarda alguma surpresa.

